

OS SARAUS CULTURAIS DA AEC-TEA: UMA PRÁTICA DISCURSIVA COMPROMETIDA COM A CRITICIDADE

Sandra Dias Miranda Soares (UMa)
sandrads@bol.com.br

Introdução

Situamos a criticidade como condição à emancipação do sujeito enquanto ser de ação social. No contexto da educação, o consenso é de que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (BRASIL, 1998, p.23), garantindo-lhe condições de “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (idem, *ibidem*, p.7).

Nas últimas décadas do século XX, o Relatório da Comissão Internacional para a Educação do Século XXI anunciou a necessidade de caminharmos para “uma sociedade educativa” (DELLORS, 1999, p. 18), na qual a educação “deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa”¹ e se organizar em torno de quatro aprendizagens fundamentais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser. A última, via essencial de integração das demais, atesta a forma plena da educação, comprometida com a preparação do ser humano para “elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (idem, *ibidem*, p.99), competências que, na ótica da comissão supracitada, são essenciais à realização do indivíduo em sua totalidade.

Todavia, a desigualdade entre o ritmo com que as mudanças ocorrem na sociedade e aquele com que os sujeitos a elas respondem instala uma tensão social que, por sua vez, lança um “olhar de desconfiança sobre a escola” (SOUSA, 2005), visto que existe uma considerável distância entre o que é pressuposto nas diretrizes e o que acontece, de fato, no interior das salas de aula.

Assim, diante da possibilidade de revelar em que medida as expectativas e os resultados obtidos em ambientes não formais de educação ampliam as condições do discurso produzido pelos sujeitos associar-se à criticidade, investiga-se a prática discursiva do grupo dos Saraus Culturais da Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade, doravante AEC-TEA, na cidade de Capim Grosso.

A nossa pesquisa está vinculada à abordagem qualitativa pelos princípios metodológicos da etnografia, aplicados ao estudo de um caso. Os dados foram coletados entre julho de 2012 a maio de 2013 através da observação participante, da análise de documentos e da entrevista aberta.

Dessa forma, este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado em andamento, cuja temática abrange, na perspectiva da Inovação Pedagógica, a prática discursiva dos sujeitos do grupo supracitado. O propósito de revelar que essa prática, no contexto do grupo, os

¹ Esse olhar lançado sobre a educação mantém uma estreita relação com o seu conceito assumido no Relatório: “Educação ao longo de toda a vida”. Segundo Dellors (1999), não se trata de uma concepção inovadora, pois já fora destaque em outros relatórios, todavia, mantém-se como uma exigência que continua válida, adquirindo mais razão de ser, e que “só será satisfeita quando aprendermos a aprender” (idem, *ibidem*, p.10).

movimenta na história em direção a um comportamento mais crítico apóia-se no referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso, doravante AD, em sua vertente francesa, visto que por ela se busca interpretar o funcionamento do discurso na produção dos sentidos, explicitando o mecanismo ideológico que o dá sustentação.

Pelas considerações da AD, para que o indivíduo produza o seu dizer é necessário que ele seja interpelado em sujeito, pela ideologia, em um movimento sócio-histórico, o que faz com que a noção de ideologia seja definida para além do sociológico, em que é tratada como visão de mundo e ocultamento da realidade.

No contexto do processo histórico-discursivo, a ideologia exerce uma função necessária na relação pela qual os sujeitos e os sentidos se constituem atravessados pela história. E se a história reclama por sentidos, e estes são sempre incompletos, há limites a serem rompidos pelo dizer, elaborando sentidos diferentes, sendo a criticidade um sentido possível.

A ideologia no discurso: um olhar sobre o sujeito, o sentido e a história

Na tentativa de compreender como o ideológico atravessa o discurso impregnando-lhe os significados, a AD, segundo Pêcheux e Fuchs (2010), buscou respaldo no materialismo histórico através da sua discussão sobre a superestrutura ideológica e a relação com o modo de produção que domina uma formação social. Partiu, pois, da proposta althusseriana de que, através da ideologia dominante, os Aparelhos Ideológicos do Estado asseguram a reprodução das relações de produção, investindo na prescrição de práticas materiais que se associam “a lugares ou a relações de lugares que remetem às relações de classe sem, no entanto, decalcá-las exatamente” (PÊCHEUX; FUCHS, *ibidem*, p. 163).

Quando o afrontamento de posições políticas e ideológicas vem à tona no interior dos próprios aparelhos em função das relações de classes, os sujeitos são inscritos em *formações ideológicas* que não têm a ver com a maneira de ser deles, mas que, por um conjunto complexo de atitudes e representações “se relacionam mais ou menos diretamente com *posições de classes* em conflito umas com as outras” (*ibidem*, *grifos dos autores*).

Assim, ficou proposto pela AD que “falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento (este aspecto da luta nos aparelhos) suscetível de intervir como uma força em confronto com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em dado momento” (HAROCHE; PÊCHEUX; FUCHS, 1971, *apud* PÊCHEUX; FUCHS, *ibidem*, p. 163, *grifos dos autores*).

Estando os posicionamentos assumidos, propôs-se que as formações ideológicas perpassam o discurso dos indivíduos através das *formações discursivas*, sendo estas concebidas como “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1997a, p. 160, *grifos do autor*). Ou seja, as formações discursivas trazem à superfície, materializada em forma de discurso, as formações ideológicas. Logo, “o discursivo passa a ser um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica” (PÊCHEUX; FUCHS, *op. cit.*, p. 163), e a ideologia, pelas formações ideológicas, as quais desempenham um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, interpela os indivíduos em sujeitos.

Pela proposta pecheuxtiana, esse processo oferece

[...] as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem”, aquilo que

chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados. (PÊCHEUX, 1997a, p. 160, *grifos do autor*).

Teria então a AD a máxima do seu arcabouço teórico na consideração das “evidências” produzidas pela ideologia sobre o sujeito e sobre o sentido que se faz filiado ao “todo complexo das formações ideológicas” (ibidem), já que constituídos a partir das “posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (ibidem)? Esse questionamento encontra, na AD, também pelas palavras de pecheuxtianas, a seguinte reflexão:

Pus-me, então, a desenvolver em *Les Vérités de La Palice (Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio)*, tendo como base o artigo de Althusser, a noção de luta ideológica de classes, a partir das observações finais desse artigo, no qual os Aparelhos Ideológicos de Estado são caracterizados como a *sede* e o *motivo* de uma luta de classes: pareceu-me, também, mais justo caracterizar a luta ideológica de classes como um processo de *reprodução-transformação* das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca de *contradição* de classes que a constitui (e continuo, ainda hoje, a manter firmemente esse ponto) (PÊCHEUX, 1997b, p. 298, *grifos do autor*).

Assim, Michel Pêcheux empenhou-se em atualizar as convicções da AD alegando que há na inconsciência lapsos que deixam frestas onde a contradição se instala e, daí, surge a resistência. Para o autor, as proposições althusserianas sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado são uma ajuda valiosa na direção de permitir a reprodução/transformação das relações de classe se for considerado que esse processo também seja abordado como local de resistência múltipla, visto que “cada ritual ideológico continuamente se depara com rejeições e atos falhos de todos os tipos, que interrompem a perpetuação das reproduções” (idem, 2012a, p. 115).

Pelo conceito de sujeito cindido, clivado, Pêcheux reconhece não ser a interpelação ideológica tão bem sucedida graças aos traços do equívoco que permitem surgir o lapso e o ato falho como “formas de aparição fugidias de alguma coisa de outra ordem, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio” (idem, 1997b, p.301).

Esse deslocamento conceitual é refletido nas palavras de Brandão (2001) como a ruptura entre uma concepção humanista-cartesiana de língua e sujeito marcada pela homogeneidade, pela qual o sentido é compreendido à luz da transparência, e aquela vazada pela heterogeneidade e pela opacidade. “Ao sujeito humanista unitário, universal e atemporal da epistemologia racionalista opõe-se um sujeito problematizado pela história, pela ideologia e pela psicanálise, revelando sua constituição clivada, descentrada e contraditória” (BRANDÃO, 2001, p.62-3).

E foi por essas conclusões que a autocrítica permitiu a Pêcheux reconhecer que “levar demasiadamente a sério a ilusão de um ego-sujeito-pleno em que nada falha, eis precisamente algo que falha em *Les Vérités de la Palice* (PÊCHEUX, op. cit., p.300) e ainda, um pouco mais tarde², que

² Referimo-nos ao texto “Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso”, inédito até a morte do autor, publicado na revista *Mots* em março de 1984, consultado em “Análise do Discurso: Michel Pechêux”, textos selecionados por Eni Puccinelli Orlandi, 2012, páginas 283-294.

[...] levar em conta, na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura desenvolvidas nos trabalhos de M. Foucault constitui um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso: a construção teórica da intertextualidade, e de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável [...] (PÊCHEUX, 2012b, p.285).

O autor já havia reconhecido o interdiscurso como o lugar de onde vêm palavras outras para constituir o discurso³. Mas alerta que, embora tenha reconhecido “que o fato de que o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto” (1997b, p. 300), o lapso e o ato falho não devem ser considerados como provas de que a fonte da ideologia dominada seja o inconsciente, o que não significa que a ideologia deva ser pensada sem referência ao registro inconsciente. Todavia, “a condição real de sua disjunção em relação à ideologia dominante se encontra na luta de classes como contradição histórica motriz (um se divide em dois) e não em um mundo unificado pelo poder de um mestre” (ibidem, p.301), de onde convém afirmar que

[...] - não há dominação sem resistência: primado prático de luta de classes, que significa que é preciso “ousar se revoltar”; - ninguém pode pensar do lugar de quem quer que seja: primado prático do inconsciente, que significa que é preciso suportar o que venha a ser pensado, isto é, “ousar pensar por si mesmo” (ibidem p. 304).

É, portanto, a um *choque de deslocamentos* (idem, 2012a, p.114) que o autor se refere quando propõe que

[...] vale a pena refletir sobre esses processos ideologicamente heterogêneos, contraditórios, assimétricos e deslocadores, considerando-os relacionados a transformações práticas, que aparecem perante os nossos olhos nas formas sócio-históricas da subjetividade, nos métodos organizacionais das lutas, na percepção dos acontecimentos e nos registros da discursividade (PÊCHEUX, ibidem, p.118).

Essa reflexão, segundo Pêcheux (ibidem, p. 119) aponta para a *língua*, sugerindo que se estabeleça um diálogo com a “verdade” que a ela comumente se associa quando do registro do simbólico e pela qual se insiste na suposta perpetuação do inconsciente. Contrário a essa prática, recomenda-se uma postura de reconhecê-la como um *campo de forças* onde os

³ Isso se deu no momento em que ele reviu o conceito de formação discursiva, assumindo a “invasão” de elementos vindos de outras formações discursivas. Juntamente com Fuchs, tratando da caracterização das reais fronteiras dos objetos reais que compõem as formações discursivas e ideológicas, afirmam haver um movimento pelo qual uma formação discursiva pode fornecer elementos que passam a integrar outras formações discursivas que, por sua vez, constituem-se no interior de outras relações ideológicas que colocam em jogo novas formações ideológicas.

processos marcados pela contradição imprimem no discurso *jogos de linguagem* que marcam o trilhar metafórico dos sentidos.

É preciso, pois, engajar-se em “abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc...” (PÊCHEUX, 2012c, p. 50), sem que se pense estar, por “esse jogo de diferenças, alterações, contradições” (ibidem), amolecendo um núcleo duro lógico, mas reconhecendo que “a equivocidade, a ‘heterogeneidade constitutiva’ da língua” (ibidem, *grifo do autor*) implicam em um novo olhar sobre o discurso, considerando-o agora como um trabalho do sentido sobre o sentido.

Para Orlandi (2012), é justamente em função dessa *não transparência* que a AD teoriza a interpretação, colocando-a em questão.

O modo como as ciências humanas e sociais concebem a ideologia é ancilar à perfídia interpretativa: considerando que a linguagem é transparente, essas ciências visam os conteúdos ideológicos, concebendo a ideologia como “ocultação”. Assim, elas deixam pensar que, pela busca dos conteúdos (o que ele quis dizer?), se podem descobrir os verdadeiros sentidos do discurso, que estariam escondidos. Se não nos ativermos aos conteúdos da linguagem, podemos procurar entender o modo como os textos produzem sentidos e a ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado. (ORLANDI, 2007a, p.65, *grifos da autora*).

Nesse sentido, a autora propõe que pensar a ideologia a partir da linguagem, e não sociologicamente, leva-a a ser considerada como um “mecanismo estruturante do processo de significação” (idem, 2012, p.96) situando o *trabalho da interpretação* como o próprio trabalho da ideologia (idem, op.cit.), constitutiva da língua, do sujeito e do sentido, não querendo dizer com isso, que os últimos sejam interpretáveis, mas que a interpretação os constitui, ou seja, “que a interpretação faz sujeito, a interpretação faz sentido” (idem, 2007a, 83).

Um jogo que nos afeta, como sujeitos, com o *acontecimento* do objeto simbólico, o que faz algo ressoar “no teatro da consciência” (idem, 2007b, p.2) do sujeito para que faça sentido. E este ressoar se faz pela forma material, unindo língua e história. Dessa forma, a materialidade das condições de produção diz respeito à vida dos sujeitos, bem como à sua resistência, por onde passa a constituição de outras posições, que vão materializar outros lugares.

Dessa forma,

[...] podemos, pois, concluir, afirmando que quando pensamos a questão do assujeitamento e da determinação histórica, não nos colocamos em uma posição essencialista, e assim não podemos deixar de levar em consideração a contradição, a forma histórica do sujeito e o seu processo de individualização abertos para o equívoco, a falha, o deslocamento, a transformação (ORLANDI, ibidem).

Nesse sentido, ao tomarmos um discurso para ser analisado, é também uma interpretação que iremos desenvolver sobre outro gesto interpretativo e no qual foram determinantes as situações históricas pelas quais trabalhou a ideologia sobre o sujeito e o sentido.

A Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade e os Saraus Culturais

A Associação Educativo-Cultural Tarcília Evangelista de Andrade foi fundada em 1999, em Capim Grosso, com o propósito de fomentar a valorização da cultura local. É uma Associação de objetivos culturais, democrática e de fins não lucrativos. As atividades previstas para serem desenvolvidas na Associação, à época da sua fundação, constavam, segundo registro do Livro de Atas da Associação, da realização de palestras nas escolas, promoção de cursos de aperfeiçoamento para professores e eventos que contribuíssem para a valorização da cultura local. A partir do ano de 2002 a Associação transformou-se em um centro de voluntariado, recebendo visitantes de países diversos e ampliando as ações desenvolvidas.

As convicções em torno dos benefícios do voluntariado levaram o grupo envolvido com as atividades da AEC-TEA a definir a missão da Associação, conforme citado na ata de número sete do livro supracitado, como a de “fomentar a participação das pessoas no trabalho voluntário, em projetos e ações que visem a melhorar a qualidade de vida da população”.

A partir de 2008, a Associação ampliou consideravelmente a oferta de suas atividades graças à iniciativa e à constância da equipe gestora em inscrevê-las em seleções realizadas por editais públicos ou outros projetos pelos quais, com a aprovação das propostas apresentadas, foram estabelecidos parcerias e convênios com a Secretaria de Cultura da Bahia, a SECULT-BA, e o Ministério da Cultura, através dos programas criados e mantidos por estes órgãos da administração pública.

As apresentações dos Saraus Culturais passaram a integrar as atividades da AEC-TEA desde julho de dois mil e onze com o propósito de promover a discussão de temas de relevância social, apresentando os resultados dessas discussões sob a forma de manifestações artísticas diversas, a saber, a música, o teatro, a literatura e a dança.

Em uma entrevista aberta realizada com “Arionete”⁴, idealizadora do projeto juntamente com “Francisco”, ela afirmou que a ideia matriz dos Saraus Culturais era “promover fóruns de discussão a partir da arte, vendo nesta a possibilidade de transformação social se posta ao lado de um discurso consciente”, de forma que “os saraus têm uma necessidade do que é social, e que, se não for para refletir uma problemática social, não há necessidade de haver Saraus Culturais na AEC”.

As edições ocorrem a cada três meses, sendo que para cada edição acontecem, em média, cinco reuniões de discussão do tema escolhido. Essa discussão é fomentada a partir da leitura de textos variados e nos quais a temática é contemplada, bem como de relatos de experiências pessoais ou de conhecidos. Enredos de filmes, letras de músicas e fatos divulgados pela mídia também são citados e comentados à luz do ponto de vista dos sujeitos do grupo.

A produção discursiva acontece durante as reuniões, nas quais os sujeitos decidem quais as conclusões sobre as temáticas debatidas serão apresentadas ao público, e também através do facebook, na página da Associação. Esse discurso assume a forma de textos produzidos ou escolhidos para as diversas apresentações artísticas, além daquele que é impresso nos cartazes de divulgação do evento e naqueles que são preparados para a organização do ambiente.

⁴ Os nomes dos sujeitos foram substituídos por nomes fictícios para preservar suas identidades, em nome da ética em pesquisa envolvendo seres humanos, conforme exigências do Comitê de ética internacional.

Criticidade: um sentido possível

Conforme discutimos anteriormente, a compreensão de que o discurso se mantém em movimento situou o interdiscurso como a inscrição do *discurso - outro* no inconsciente, articulando a junção do sujeito às significações assumidas em forma de crenças, saberes, dizeres e também de opiniões sobre características, tributos e comportamentos de membros de grupos variados. Estas últimas, cristalizadas socialmente, passam a construir imagens fixas que assumem a forma de estereótipos⁵, mobilizando um referencial de conteúdo negativo ou positivo e convencionalmente aceito como pré-existente a determinado acontecimento discursivo, garantindo sua renovação, atualização e cristalização. Recorrendo ao interdiscurso, resgata-se o que se convencionou considerar sobre determinados eventos ou o que já foi dito dos grupos sobre os quais se construíram certos estereótipos.

Dessa forma, apresentamos uma “possibilidade” de interpretação sobre o discurso que o grupo dos Saraus Culturais da AEC-TEA assumiu nas seguintes temáticas debatidas entre agosto de 2012 e maio de 2013: “Discriminação? Respeite meu Nordeste!”, “Carnaval: festa popular ou empresarial?” e “Você dentro dessa ‘viagem’. DROGAS de um jeito que você nunca viu!”. Assim, o nosso corpus é constituído pelos três cartazes de divulgação das edições nas quais foram realizadas essas discussões.

O primeiro que tomamos para análise é o seguinte:

Figura 01 - Cartaz de divulgação do Sarau sobre o Nordeste



Fonte: Página da Associação no Facebook
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=270880459692857&set=o.450054128361468&type=3&theater>

⁵ O termo *estereótipo*, do grego *stereos*, que significa *sólido*, faz referência a uma “fôrma compacta” pela qual se duplica uma composição tipográfica, de forma que ao termo costumou-se associar a ideia do que se fixa, se generaliza em função da repetição, da falta de criticidade, portanto. Em se tratando do discurso, Charaudeau e Maingueneau (2004) o definem como uma representação coletiva cristalizada, designando o que é fixo e estratificado.

O injuntivo da materialidade linguística denuncia um comportamento já impaciente (Respeite meu Nordeste!) com um fato que, por sua vez, pode ser depreendido recorrendo-se à memória: O que é dito sobre o “nordestino”?

Como discutido por Albuquerque Júnior (2012, p. 90)⁶, “no Brasil, o preconceito por origem geográfica marca, especialmente, os nordestinos”, aos quais se convencionou associar a ideia depreciativa daquele que é retirante, flagelado, cangaceiro em potencial, baiano, paraíba, fanático religiosamente, dentre outras descrições.

O tom poeirado escolhido para cor de fundo do cartaz, o cacto e o chapéu de cangaceiro formam um conjunto de símbolos que pode ser compreendido como marca da própria estereotipia, atestando sua força sobre o interdiscurso, mas também pode estar a representar alguns dos elementos da região, vistos pelo olhar de valorização.

No contexto imediato no qual esse discurso se inscreve, a saber, o de apresentar à comunidade capingrossense o que pensa o grupo dos Saraus da AEC-TEA, compreendendo-se, pelo que anteriormente foi apresentado como missão da Associação, é pelo propósito da valorização dos elementos da Região Nordeste que interpretamos a escolha dos símbolos feita pelo grupo.

O segundo cartaz foi produzido para o Sarau cuja temática foi o carnaval, mais precisamente o carnaval de Salvador, capital baiana.

Figura02 - Cartaz de divulgação do Sarau sobre o Carnaval



Fonte: Página da Associação no Facebook
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=338278702953032&set=o.450054128361468&tvpe=3&theater>

O título “Festa popular ou empresarial?”, em sua materialidade discursiva, explicita um movimento construído pela criatividade que, na AD, segundo Orlandi (2012), é responsável por estabelecer o conflito entre a ideia “já produzida” e aquela que “vai-se instituir”. O “novo” que pretende se constituir recorre à memória, trazendo à superfície sua materialidade histórica. No caso do enunciado analisado, a ideia é de que “o carnaval é uma festa popular”, e que “atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu”. Todavia, o

⁶ Na obra “Preconceito contra a origem geográfica e de lugar, as fronteiras da discórdia”, o autor explica como se construíram as ideias de Nordeste e de nordestino, situando-as como resultado de processos sociais e aspectos do funcionamento da economia e da política brasileiras no século XX.

questionamento explícito a essa memória “faz trabalhar” o acontecimento em seu contexto de atualidade, reorganizando-se, re-significando-se.

No cartaz, a ênfase sobre elementos dos “outros carnavais” (fobica, guitarra elétrica, trio elétrico com antigo sistema de sonorização) anuncia uma possível reprovação ao padrão empresarial que passou a representar essa festa, hoje organizada em torno de uma infraestrutura que inclui blocos, abadás, camarotes e uma divisão entre os foliões: os que desfilam do lado de lá da corda que isola o bloco, e os do lado de cá, os “pipoqueiros”.

Por fim, o cartaz elaborado por ocasião do Sarau que se propôs a discutir sobre as drogas:

Figura 03 - Cartaz de divulgação do Sarau sobre as drogas



Fonte: Página da Associação no Facebook
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=396260150488220&set=o.450054128361468&type=3&theater>

O título “Você dentro dessa ‘viagem’. DROGAS de um jeito que você nunca viu” é de caráter polissêmico, visto que por ela há um jogo de equívoco na significação da palavra “dentro”, a qual, em sua base etimológica, situa algo “no interior de”, presumindo a aproximação e o contato. Esse propósito rompe com a significação proposta pela paráfrase “fora” do “tô fora” que se reproduz fielmente nas campanhas em prol da conscientização da necessidade de não se usar drogas.

Todavia, não há margem de probabilidade em imaginar-se que o convite do grupo dos Saraus seja para situar o convidado “dentro da viagem com as drogas” no sentido de uso das mesmas. O uso da palavra “viagem” nos obriga a considerar que, como propõe Pêchex (2012c, p. 53), “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar um outro”, de forma que não é à “viagem sem volta” comumente associada ao ingresso do sujeito no mundo das drogas que o movimento discursivo se dirige.

Considerar que o cartaz informa que a metodologia do Sarau contempla “música, dança, teatro, vídeos, discussões e muito mais” para falar-se sobre drogas “de um jeito que você nunca viu” sugere o propósito de incluir o convidado na discussão por apresentá-la de uma maneira mais dinâmica e, por isso, mais eficiente em se tratando do público jovem, já que no centro do cartaz há a imagem de uma menina de aparentemente dezessete anos.

Compreende-se ser um discurso pelo qual os sujeitos se inscrevem com a ruptura de um estereótipo de ordem metodológica.

Considerações finais

O escopo teórico-metodológico da AD permite interpretar o funcionamento do discurso na produção dos sentidos, explicitando o mecanismo ideológico que o dá sustentação. Compreendê-lo amplia as possibilidades de reflexão sobre os discursos produzidos pelos sujeitos, entre os quais os alunos, melhor avaliando-os, os discursos, quanto à presença ou não da criticidade enquanto elemento constitutivo.

Na perspectiva da sala de aula, as orientações curriculares sugerem que as práticas de produção discursiva sejam organizadas em torno de atividades orais e de escrita, de forma que promova nos alunos a autonomia sobre o discurso que é produzido, situando a criticidade como elemento essencial e pelo qual os sentidos devem ser questionados e colocados em movimento.

Todavia, na prática, as atividades têm sido organizadas quase que exclusivamente em torno de exercícios de produção escrita, nos quais a preocupação mantém-se voltada aos aspectos organizacionais dos gêneros textuais contemplados, pouco havendo de negociação de sentidos, principalmente porque muito pouco se propõe de debate de temáticas que venham a ser interessantes e importantes para os alunos.

Assim, urge que se amplie a reflexão sobre as práticas discursivas que se tem promovido no contexto da sala de aula. Salientar a grande colaboração que a AD, em sua vertente francesa, oferece nesse sentido é a contribuição desse artigo que apresentou uma possibilidade de interpretação de elementos discursivos coletados no grupo dos Saraus da AEC-TEA, compreendendo que a prática discursiva dos sujeitos ali envolvidos os movimentou na história em direção a um comportamento mais crítico e transformador.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. 2ª. ed. Coleção Preconceitos. São Paulo: Cortez, 2012.

BRANDÃO, Helena Naganime. Da língua ao discurso, do homogêneo ao heterogêneo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Estudos Enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2001. p. 59-69.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** Brasília: MEC/SEF, 1998.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo, Cortez. Brasília, MEC/UNESCO, 1999.

_____. **Interpretação**; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007a.

ORLANDI, Eni Puccinelli . **A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica**. ComCiência. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, v. 89, p. 2, 2007b. Disponível em

<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296> Acesso em 12 jun 2013.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 2ª. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997a.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni P. Orlandi. 3ª. ed. Campinas, SP: Unicamp, 1997b. p. 293-307.

_____. Ideologia – Aprisionamento ou campo paradoxal? Tradução de Carmen Zink. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 3ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012a., p. 107-119.

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução de Eni P. Orlandi. 6ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012c.

_____. Sobre os contextos epistemológicos da análise do discurso. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. 3ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012b. p. 283-315.

_____. e FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Bethania S. Mariani... [et al]. In: GADET, Françoise; HAK, Tony

(Orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4ª. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.p. 159 – 249.

SOUSA, Jesus Maria. **Abertura da UMa aos países de língua portuguesa**: O caso da Inovação Pedagógica no Brasil. 2005. Disponível em <http://www3.uma.pt/jesussousa/Tribuna/15.pdf> Acesso em 15 de jul de 2011.